
estrato social com nível de renda e de educação mais elevados não mostraria alguma variação; em algumas de suas representações.

Outras falhas menores nesta análise dizem respeito à pequena ênfase dada às representações que remetem causa da doença a fatores de natureza sócio-psicológica (doença causada, por exemplo, pela infelicidade ou dificuldade num determinado tipo de relacionamento humano e social); à conclusão um tanto apressada de que formas de tratamento populares alternativos não são importantes e à conclusão duvidosa de que, com exceção dos casos com deterioração da aparência, a estigmatização social não é freqüente. Com respeito a este último ponto, embora, no Brasil, o estigma relacionado com a lepra não seja nada comparável com a situação da Índia, na qual o paciente fica sem alternativa a não ser aban-

donar sua família e seu meio social para se tornar mendigo num grande centro urbano, tudo indica, inclusive os próprios dados da autora, que há estigmatização social, ainda que moderada.

Diluídos no conjunto da obra, os limites e falhas encontrados são, contudo, ofuscados pelas qualidades e virtudes já mencionadas que o trabalho apresenta. Talvez a maior virtude desta publicação seja a possibilidade real de, ao ampliar a compreensão do aspecto subjetivo da hanseníase, poder ser útil para todos os profissionais da saúde que lidam com este problema, trazendo benefícios práticos para os seus pacientes.

Marcos S. Queiroz

Núcleo de Estudos Psicológicos
Universidade Estadual de Campinas/SP

Disease and Social Diversity: The European Impact on the Health of Non-Europeans. Stephen J. Kunitz, *New York e Oxford: Oxford University Press, 1994. 209 pp. ISBN 0-19-508530-2. US\$ 49.95 (capa dura).*

Stephen J. Kunitz, consagrado pesquisador norte-americano que tem se dedicado ao estudo médico e epidemiológico de populações ameríndias, lança-se com este seu novo trabalho em um desafio maior, quer seja, comparar os impactos do contato europeu sobre as populações nativas de quatro regiões submetidas à colonização inglesa Austrália, Canadá, E.U.A e Polinésia (principalmente a Nova Zelândia).

Um aspecto central do livro é a discussão acerca da depopulação e recuperação demográfica que se deram de maneira distinta nas regiões cobertas pelo estudo. Kunitz conseguiu levantar uma grande quantidade de dados populacionais, assim como de morbi-mortalidade, de tão difícil obtenção para estas populações. Este banco de dados serve de base para suas análises epidemiológicas que incluem a estimativa de taxas de mortalidade, fecundidade e de crescimento demográfico.

O livro é marcado por um tratamento crítico deste banco de dados assim como por sua preocupação em evitar uma abordagem estritamente epidemiológica, o que tornaria o texto mais árido e reduziria o poder explicativo de suas interpretações. Logo no primeiro capítulo, Kunitz critica a universalidade do modelo biomédico e destaca a necessidade de uma aproximação antropológica para o melhor entendimento das semelhanças e diferenças do processo saúde/enfermidade verificado nas populações nativas das regiões

cobertas pelo estudo. Como destacado pelo próprio autor, as doenças raramente atuam como forças independentes mas, pelo contrário, são moldadas pelos diferentes contextos (culturais, políticos e históricos) nos quais elas ocorrem.

É sob esta ótica particularista que Kunitz discute o impacto diferenciado da colonização inglesa nas regiões compreendidas pelo estudo. Em primeiro lugar, as primeiras levas de ingleses que migraram para estas colônias não compunham um conjunto homogêneo do ponto de vista sócio-cultural, mas representavam distintas facções constituintes da sociedade inglesa da época. Isto é: dissidentes religiosos de classe média nos E.U.A., leialistas anglicanos no Canadá, criminosos e prisioneiros na Austrália e, na Nova Zelândia, uma combinação de ingleses classe média e australianos. Segundo o autor, estas diferenças sociais fizeram-se refletir em distintas formas de perceber e de se relacionar com as populações nativas. Para Kunitz, estas diferenças estariam na base da explicação das distintas políticas adotadas pelos diferentes países no tratamento dos indígenas até os dias de hoje. O autor também considera as diferenças sócio-culturais e demográficas das sociedades nativas em sua análise sobre impacto do contato e recuperação. Segundo Kunitz, os enormes contrastes culturais, políticos e sócioeconômicos verificados entre as várias etnias nativas destas regiões requerem cautela ao se generalizar sobre os efeitos do contato.

Um dos pontos altos do livro é o tratamento dispensado à discussão acerca da transição dos perfis epidemiológicos e demográficos das populações nativas da América do Norte e Oceania. Possivelmente refletindo a melhor qualidade de seus dados, os casos

Hopi e Navajo são apresentados mais detalhadamente, permitindo evidenciar rápida queda na mortalidade infantil, já nos anos 40-50, o aumento das doenças crônico-degenerativas como principal grupo de causas de mortalidade.

A análise comparativa de tendências populacionais comparadas entre as principais etnias da Nova Zelândia, Samoa, Togo, Havaí, Taiti e Marquesas, cobrindo o período de 1790-1980, demonstra como o impacto do contato e a capacidade de recuperação demográfica foram extremamente diferentes. Por um lado, a combinação de fatores sócio-culturais e políticos próprios das etnias que compunham a população nativa de cada uma destas ilhas e, por outro, as distintas “motivações” e estratégias dos colonizadores que chegaram e cada um destes lugares explicariam estas diferenças.

Kunitz é crítico em relação à aplicabilidade da dita teoria de transição epidemiológica como modelo explicativo do processo saúde/doença nas populações nativas. O autor rejeita explicações baseadas em modelos universalizantes que, segundo sua ótica, não dão conta das diferenças sócio-culturais, políticas e

geográficas que protegeram (ou propiciaram) populações nativas do declínio e extermínio. Portanto, não aceita hipóteses amplamente difundidas, como a do historiador William McNeill em seu conhecido *Plagues and Peoples* (Harmondsworth: Penguin Books, 1976), segundo a qual o impacto do contato europeu sobre os povos nativos da América e da Oceania teria sido igualmente catastrófico.

Além de suas hipóteses originais, por vezes mesmo provocativas, este novo livro de Stephen Kunitz tem o mérito de emprestar ao debate acerca da saúde de populações indígenas no mundo abordagens teóricas e metodológicas provenientes da Antropologia, Ciência Política e História, resultando em uma combinação particularmente bem sucedida. Recomenda-se a leitura desta obra a todos os que se interessarem por questões pertinentes a saúde, sobrevivência e futuro dos povos indígenas.

Carlos E. A. Coimbra Jr.
Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz
e Museu Nacional/UFRJ

Odontología Conductual A. Fernández Parra y J. Gil Roales-Nieto. Barcelona: Ediciones Martinez Roca, 1994. 207 p.

Este livro descreve aspectos bastante interessantes da conduta em Odontologia, em seus mais variados níveis, abordados sob o ponto de vista da Psicologia. Isto tem um valor bastante grande, tanto em termos básicos de aquisição do conhecimento, quanto em termos de sua aplicação na prática clínica rotineira, porque a matéria nem sempre é adequadamente apresentada e desenvolvida nos currículos escolares, constantes dos diversos cursos de graduação em Odontologia.

Ora, como em quase todas as áreas da Saúde, é fundamental que o relacionamento profissional seja orientado e mantido dentro de determinados cuidados, que visam à compreensão e ao entendimento do comportamento do paciente, em todas suas manifestações, para que possa ser estabelecida a abordagem adequada para o desenvolvimento do plano de tratamento, sem traumas, sem acúmulo de experiências negativas, com equilíbrio a discernimento. Quando é atendido o paciente adulto que apresenta sinais e sintomas de medo, ansiedade e outras reações de fundo psicossomático, como lipotímia, sudorese abundante, diminuição do limiar de percepção à dor, isto na maioria das vezes representa a situação de uma pes-

soa que teve uma experiência odontológica negativa anterior, marcando-o intensamente para o resto da vida. Esta questão pode ser observada na Odontopediatria, por exemplo. Esta especialidade odontológica está relacionada com os diversos aspectos do tratamento oferecido ao paciente infantil. Pare que ele seja atendido convenientemente, o profissional deverá estar atento ao perfil psicológico demonstrado, para que seja aplicada a adequada maneira de conduta, tornando o tratamento possível e fácil de ser executado.

Isto envolve o conhecimento prévio da situação familiar, o tipo de educação, o relacionamento dos pais, entre outros, para ser estabelecido seu atual desenvolvimento psicológico. O estabelecimento deste perfil será cotejado com a avaliação do desenvolvimento físico-biológico, para as comparações com os fatores cronológicos, facilitando o diagnóstico integral, até mesmo como medida de orientação aos pais, quando houver determinadas situações fora da área de atuação odontológica propriamente dita. Se isto não acontecer e o profissional não estiver preparado para a abordagem correta, ocorrerão situações conflitantes, muitas vezes indutoras de traumas psicológicos, difíceis de serem controlados, tornando-se o paciente inacessível ou difícil de ser readaptado ao consultório, se for o caso, quando em nova tentativa. Por isto é imperativo que os dentistas tenham noções de Psicologia, principalmente a infantil, incluindo as carac-